

Pañuelos Verdes: imagem e performance do ativismo feminista pelo aborto legal e seguro

Angie Biondi
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: angiebiondina@gmail.com

Rita Maria Radl-Phillipp
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: ritam.radl@usc.es

1485

Palavras-chave: Ativismo feminista. Direitos. Imagem. Linguagem performativa

INTRODUÇÃO

Em 2003, na cidade de Rosario, Argentina, integrantes da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal, Seguro e Gratuito se reuniram no XVIII Encontro de Mulheres para discutir ações de descriminalização do aborto e formalizar a integralização da pauta pelos direitos sexuais e reprodutivos. Como estratégia, o grupo, inspirado nas fraldas brancas bordadas com os nomes de familiares mortos e desaparecidos na ditadura, usados pelas mães da Plaza de Mayo, adotou os *pañuelos*, lenços verdes, como uma espécie de signo visual da luta política.

Antes restrito às passeatas promovidas pelas integrantes da Campanha, o acessório alcançou notoriedade em 2015, quando o grupo participou da primeira marcha *Ni una menos*, realizada em Buenos Aires. Desde então, o lenço verde se consolidou como um elemento de identidade política não apenas para as integrantes da Campanha, mas como um símbolo representativo da luta transnacional pelos direitos sexuais e reprodutivos entre as mulheres da América Latina. Atualmente, pode-se encontrar, tanto nas ruas quanto nas inúmeras fotografias de imprensa, perfis de redes sociais, documentários, entre

Realização:



Apoio:



outros veículos, mulheres e jovens portando os *pañuelos* verdes na maior parte dos protestos e manifestações realizadas.

Assim como a predominante cor roxa adotada pelo feminismo ao redor do mundo, os *pañuelos* verdes parecem encarnar o símbolo de uma luta política, reformulando uma imagem do crescimento exponencial dos movimentos das mulheres latinas, em especial, chegando a receber, de alguns veículos internacionais de imprensa, a alcunha de “maré verde”. A trajetória de manifestações feministas pelo direito ao aborto legal e seguro nos países da América Latina é histórica e demarca o quanto as mulheres ainda são as principais vítimas de violência, discriminação, precarização e vulnerabilidades na região (Segato, 2012; 2016).

Nesse contexto, argumentamos que as manifestações dos *pañuelos* verdes emergem como um grande aceno coletivo de reconhecimento e cooperação às pautas feministas, cujas imagens não se restringem ao estabelecimento de uma estratégia narrativa do protesto, mas constituem uma mudança na forma de linguagem performativa, descrita pela pesquisadora Cecilia Macón (2021; 2023), como *enactment*. Para ela, a ênfase na visualidade é um modo de codificar, atualmente, lutas e gestos políticos que abrem brechas na estrutura patriarcal constituindo uma nova sensibilidade na cena pública contemporânea, forjando um imaginário ao ativismo feminista a partir do modo como impõe os corpos das mulheres que, antes de tudo, reivindicam o aparecer coletivo em outra “chave” visual, burlando estereótipos (Butler, 2010; 2019), Calderón (2020).

A partir desse contexto teórico, interrogamos como esse novo campo de aparecimento é mobilizado pelos corpos das mulheres em associação política, compondo uma espécie de quadro imagético cultural sobre o ativismo feminista que se atualiza na nossa sociedade. Para Gerda Lerner (2019), imagens também são elementos componentes de um sistema de gênero em nossa sociedade e que, ao longo do tempo, têm seus valores e normas atualizados. Desse modo, o texto pretende observar que as imagens não apenas registram a luta por direitos, mas encarnam as materialidades potencialmente sensíveis que dizem sobre a efetividade das visualidades usadas como codificações das demandas e lutas sociais, isto é, entendendo como essas imagens comparecem articuladas às operações de linguagem.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

Segundo a perspectiva de Macón (2021; 2023), se observarmos as ações feministas do passado e do presente, em cotejo, poderemos notar algumas aproximações estratégicas centralizadas na linguagem performativa do ativismo e seus códigos visuais, desde as sufragistas de 1920 ao ativismo de *hashtag* de movimentos como #QueSeaLey e #HuelgadeMujeres, de 2018. Para ela, ambas resguardam similitudes no modo de usar a linguagem performativa, em especial, das imagens, como elementos constituidores de pautas e reivindicações feministas. As pesquisadoras Verónica Gago (2020) e Karina Bidaseca (2011), também indicam que o feminismo contemporâneo reinventa a performance como gesto artístico e político pondo em jogo a lógica da representação e os modos estabelecidos do debate público sobre os direitos sexuais e reprodutivos, incluídos aí, os protestos específicos e constantes contra a violência sexual, pelo aborto legal e seguro, contra a violência obstétrica, pela autodeterminação de orientação e prática sexual, entre outros aspectos ligados à discriminação de gênero premente no país. A particularidade dos ativismos feministas na América Latina, segundo Gago (2020, p.279), está na combinação da massividade das imagens que circulam em diferentes meios e da radicalidade de suas reivindicações. Assim, esse trabalho de pesquisa, de cunho teórico crítico, busca refletir os modos de produção e circulação de uma série de imagens difundidas por veículos jornalísticos nacionais acerca das recentes manifestações pelo aborto legal e seguro no Brasil. Como primeiro recorte empírico, apresentamos, nesse estudo, exemplares da galeria de fotos da reportagem “Mulheres protestam pelo direito ao aborto em vários países”, do jornal Folha de São Paulo, publicada em 02 de outubro de 2021.

1487

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto procurou destacar que os materiais visuais trazidos do *corpus* empírico são importantes para compreender não apenas o quanto o uso da comunicação e da mídia tiveram, e ainda tem, um papel marcante no que se refere à luta pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, mas sobretudo para chamar a atenção sobre os usos performativos que as ativistas propuseram às imagens de modo a direcionar,

Realização:



Apoio:



intencionalmente, a visibilidade pública a seu favor, invertendo a noção dos códigos patriarcais e negociando com a linguagem performativa para fortalecer sua luta política Macón (2021; 2023), Calderón (2020). O caso exemplar dos protestos que se serviram dos *pañuelos* verdes como um recurso de linguagem reforça o argumento de base desse artigo. Na série de imagens jornalísticas observada, mesmo um veículo de ampla circulação, como a Folha de São Paulo, reitera a aproximação cena e agenda, imagem e luta política.

CONCLUSÃO

Esse texto apresenta apenas uma parte inicial da investigação em curso. O trato teórico crítico baseado no conceito de *enactment* trazido pelas pesquisadoras permitiu observar e descrever o fenômeno. O levantamento das questões preliminares adensou a discussão teórica sobre a linguagem performativa e a utilização das imagens como codificações das pautas e reivindicações das mulheres na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos, ainda incipiente e polêmica no Brasil, mas com avanços consideráveis em outros países da América Latina, que se colocam como referenciais. É nesse sentido que esperamos que o exercício investigativo mais amplo possa fornecer ainda mais subsídios para a compreensão e análise dos materiais visuais manejados pelo ativismo feminista próprio ao contexto latino-americano.

REFERÊNCIAS

BARRANCOS, D. **História dos feminismos na América Latina**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.

BIDASECA, K. Experiencias del feminismo contra-hegemónico en América Latina. **Lutas Sociais**, PUC SP, n.27, 2011. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/l/article/view/18743/pdf>. Acesso em 18 jan. 2021.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Realização:



Apoio:



CALDERÓN, A. S. **La performatividad de las imágenes**. Madrid: Ediciones Metales Pesados, 2020.

GAGO, V. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACÓN, C. **Desafiar el sentir: feminismos, historia y rebelión**. Buenos Aires: Omnívora, 2021.

_____. Desafiar el sentir tiene que ver con advertir que el orden afectivo es político y se puede derrubar. **Revista Aruda**, 2022. Disponível em <https://revistaruda.com/2022/03/08/cecilia-macon-desafiar-el-sentir-advertir-orden-afectivo-es-politico-y-se-puede-derrumbar/>. Acessado em junho 2023.

SEGATO, R. La norma y el sexo: Frente estatal, patriarcado, desposesión, colonialidad. In: BIDASECA, Karina (Org.) **Genealogías críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente**. CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, IDAES, 2016. p.31-64

SEGATO, R. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. In: **E-Cadernos CES**, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, n.18, p.106-131, 2012.

Realização:



Apoio:

